



## **SOBRE PRÁTICAS EDUCATIVAS EM PROCESSOS SOCIAIS VARIADOS: RECORTES DE ALGUMAS INCURSÕES DE ALUNOS DE PEDAGOGIA**

Ana Maria Ricci Molina

*Doutora em Educação (UFSCAR). Mestre em Psicologia (FFLCRP-USP).*

### **RESUMO**

O objetivo desse artigo é o de refletir sobre as incursões de alunos de pedagogia em campos de estudos específicos, cujo recorte de estudo deles era o de evidenciar práticas educativas em processos sociais distintos. Com uso do diário de campo os alunos investigaram como o ensinar e o aprender são forças a operar sobre as interações humanas em contextos sociais diferentes daquele institucionalizado como escolar. Pode-se concluir a partir da leitura dos Relatórios feitos pelos alunos a ampliação do conceito de educação para educações que ocorrem em situações diversas e cotidianas e não apenas escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação. Práticas educativas. Etnografia.

### **Apresentação do contexto educativo**

Parte-se da imersão do sujeito na cultura como um vetor determinante da sua humanização. René Lourau (1975) nos aponta que a linguagem, as relações de parentesco, as relações com o sagrado e os modos de produção como instituições fundantes da sociedade e da constituição do sujeito de cultura. Algo possível para Claude Levi-Strauss (2010) ao observar as interdições sexuais, primeiramente, como mediadora do deslocamento do indivíduo da natureza para a cultura. A cultura, que, para Geertz (2008), pode ser interpretada por descrição densa, devido a sua constituição por um sistema de símbolos cada vez mais tramado em torno de significados pelo grupo que o vivencia.

O grupo, constituído por um conjunto de indivíduos a socializarem suas apreensões e significações a respeito do estar no mundo, de modo a nomear e dominar as manifestações pungentes e as experiências sofridas conforme os lugares, os tempos e o encontro entre os corpos. O encontro entre os indivíduos em determinado grupo, por sua vez configurado por uma cultura local, permite que sejam entrelaçados em jogos para o governo de si e do outro.



Governo, como a arte de governar os vivos, foi objeto dos estudos de Michel Foucault (2008) após colocar-se diante da problemática sobre a constituição do sujeito moderno. Ele informa que o processo de subjetivação foi a saída encontrada para a singularidade e liberdade do indivíduo sobre as apreensões do poder, do qual não escapamos no exercício das relações sociais, tanto no âmbito micro político, quanto macro político, mas criamos formas de resistências.

No âmbito da micro política, noto Paulo Freire (1993) ao apresentar que o indivíduo é um sujeito sócio-histórico, cuja ontologia do ser se faz pela incessante busca e capacidade para aprender e ensinar. Nesse sentido, apresenta-se como inacabado e em permanente processo de formação.

Mas, se nele há esperança, no anterior, batalhas. Entretanto, anunciam algo semelhante por ordens epistemológicas e com arcabouços teóricos metodológicos diferentes: o processo de aprender-ensinar ou o governo de si e do outro como caracterizado por práticas educativas ou disciplinarizações que ocorrem em qualquer processo social.

Afinal, o que é a tal da educação? Nas palavras de Carlos Brandão (2006, p. 02):

A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam-e-aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a de cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda a explicar — às vezes a ocultar, às vezes a inculcar — de geração em geração, a necessidade da existência de sua ordem.

Algo relativo a constituir-se como pessoa inserida em uma comunidade para conduzir a própria vida ao estancar-se na condição de aprendiz e/ou mestre. A partir das interações sociais internalizar signos mediados pelo outro enquanto se produz significados e sentidos sobre o vivido desse encontro. A atividade inter-psíquica como uma dialética de uma atividade da consciência (intra-psíquica) sobre a vida.

Com essa breve apresentação verificam-se algumas possibilidades inferidas por estudantes de uma disciplina do curso de Pedagogia, de uma Universidade Federal, que tive o



prazer ser professora substituta. No cronograma da disciplina estavam previstas inserções no campo com recortes variados escolhidos por cada um do grupo, desde que não fossem espaços escolares, para que os alunos conseguissem observar e refletir sobre práticas educativas, a partir do uso do Diário de Campo.

(...) Participei de cinco encontros com um grupo de amigos que se encontram na Pista de Skate para a prática do mesmo. Através da produção de diários de campo e a análise deles, busquei encontrar processos educativos que ocorrem na prática social do grupo de amigos (...) (M.M, Relatório, 2016, p.01)

Assim, como etnógrafos iniciantes e em construção emergiram nas possíveis educações conforme os recortes que fizeram para descrever os mecanismos sociais que nos amarram como sujeitos de uma determinada comunidade e dela narrar e compreender uma específica situação interacional.

Segundo Paulo Freire (1993) em “Ninguém nasce feito: é experimentando-nos no mundo que nos fazemos”, a sugestão de que o sujeito torna-se o que é ou como está mediante as tramas da vida, na leitura persistente de suas ações e reflexões, bem como na de outros. O sujeito forja-se com as relações que estabelece com o mundo e com as pessoas.

Se, para tornar-se professor para Freire ocorreu à medida que se tornava também homem de si mesmo, então, era importante que os alunos de pedagogia pudessem compreender que o vir-a-ser professor dependia de visualizarem o quanto de educadores e aprendizes já o eram em seus cotidianos.

Ver o visível e ler o invisível são as possibilidades que advêm com o dar atenção visual e de escuta ao instante de cada encontro de si consigo e com o outro. Um exercício de saber as direções que imprime na vida que o aluno chamou de “a roda do falar e do ouvir” como título de seu relatório:

(...) Ocorreram várias contribuições durante o processo de parar para observar o cotidiano (no meu caso). Parar para observar os detalhes e captar o que até então passava despercebido foi um verdadeiro desafio, principalmente na hora de descrever. Coisas que são naturais e que já fazem parte de modo que não são dadas as devidas atenções passaram a ser percebidas (...) (M.S, Relatório, 2016, p. 06)



Portanto, trata-se de um ensaio resultante das incursões discentes em campos de estudos específicos, cujo recorte de estudo deles era o de evidenciar práticas educativas em processos sociais distintos. Com uso do diário de campo os alunos investigaram como o ensinar e o aprender são forças a operar sobre as interações humanas em contextos sociais diferentes daquele institucionalizado como escolar. Observou-se a ampliação do conceito de educação para educações que ocorrem em situações diversas e cotidianas.

E, por terem denotado a compreensão do ato pedagógico envolto das suas observações, lanço mão de fragmentos de Diários de Campo e dos Relatórios elaborados por alguns membros do grupo para uma razoável reflexão sobre o que podem significar práticas educativas em processos sociais distintos.

(...) A partir dessa pesquisa com observação participante em prática social foi possível concluir que para se aprender não precisa necessariamente estar em ambientes escolares podendo afirmar assim que até mesmo em pontos de ônibus podemos ensinar e aprender processos educativos (...) (B.J., Relatório, 2016, p.08)

Pois, segundo Oliveira (2014, p.29): “eu me construo enquanto pessoa no convívio com outras pessoas; e, cada um, ao fazê-lo, contribui para a construção de um nós em que todos estão implicados”.

### **Teoria e prática através de iniciantes na etnografia educacional**

(...) Muitas vezes ao pensar sobre os processos educativos nos deparamos com uma idéia automática que relaciona o aprender à ambientes escolares, porém, os processos educativos não ocorrem apenas nestes espaços, pois é por meio da interação com outros indivíduos que somos direcionados para a criação de nossa identidade (...). (M.R.. Relatório, 2016, p. 01)

Na praça de uma cidade estão os senhores reunidos. No local, um banco construído por eles e apelidado de “senadinho”. Ali divagam sobre a vida na cidade. Disputam com suas vozes o tom de seus razoados. Simplesmente contemplam em uma pequena assembléia a beleza de se fazer política. Chama a atenção por sua diversidade de gerações e classes sócio-econômicas. Todos com o direito a opinar e lutar por suas verdades, mesmo que nesse direito assista-se, na realidade, uma trama de quem consegue validar seu pleito mesmo sem a conversão do outro. Em plena cidade do interior paulista, quem diria,



uma “polis tupiniquim”. Vale, pois, sorrir sobre a coragem de dizer a verdade (mesmo que provisória) como quem conquistou a trégua da vida.

Andar de skate em uma pista construída na cidade. Naquele lugar uma reunião de jovens. Uns, demonstram a segurança de ter rodado o suficiente para domínio do objeto e das ruas. Outros, a começarem. Uma premissa do skatista é a liberdade para criar suas manobras. No entanto, quem sabe ensina a quem não sabe. Pergunta-se por que alguns se colocam a ensinar, se há previamente a liberdade por sobre o skate fincar os pés e, em um aparente árduo e solitário exercício de equilíbrio conseguir se deslocar, rodopiar, subir, descer, transpor obstáculos e alcançar por instantes o céu sem perder um chão. Importa, pois, assemelharem-se, dicas de como fazer por quem já faz.

A auto-análise e auto-gestão correspondem a um processo caro aos institucionalistas e está sendo exercida por um coletivo da terra. Instituir um modo de produção agrícola com valores de sustentabilidade e cooperação. Mas entre uma ponta (formada por produtores e consumidores) e a outra (os gestores da entidade que promove a iniciativa de ordem popular e comunitária) teve-se que criar uma figura mediadora capaz de ouvir e observar para recolher as demandas do primeiro elo da corrente e apresentá-las ao segundo elo, que, sobre as informações obtidas exercerão crescente interesse na manutenção da boa ordem da corrente. Interessa, pois, planificar eficientes estratégias de governo sobre um segmento para também justificar a razão da existência do outro.

Na coxia do teatro também tem um espetáculo. O espetáculo da preparação, do desejo de conquistar o melhor movimento na arte do desempenho cênico. As técnicas para representar uma personagem podem emergir das conversas entre os artistas, porque entre eles se compara se espelha, se ajuda e se disputa qual o corpo e a performance necessária para se deixar de ser um para se tornar o outro. Exige-se, pois, a construção de uma expressão corporal suficiente para catapultar as emoções da platéia e descobrir o que pode um corpo.

E o que dizer sobre a biblioteca, onde se sepultam os livros à espera do renascimento. A representação do local como morada das palavras e das idéias e de onde o silêncio deve imperar para ser rasgado apenas com os sons dos passos ou das folhas que rodopiam. Não, a biblioteca também ensina o desejo... Sob o olhar esperançoso daquele que por lá perambula por buscar, encontrar e debruçar o livro sobre o seu peito. Ou, sob os encontros inesperados entre aqueles que circulam focados. Enfim, a biblioteca não é feita de



livros. É feita de gente que se apropria desse espaço e o preenche com sussurros de um cotidiano.

(...) Os processos educativos ou vivências adquiridas com as informações coletadas me permitiram observar que o papel da biblioteca pode aumentar em muito a capacidade de ensinar que ela tem. Aquele conceito de que é local para ler ou depósito de livro como função principal da biblioteca pode mudar completamente (...). Algumas outras “funções” observadas na biblioteca foi de que pode ser também um lugar de fazer e desenvolver amizades, socialização, empatia pelos problemas dos outros, jogar jogos e desenvolver através dele habilidades de concentração, respeito, estabelecimento de regras e cumprimento delas trazendo mais disciplina para os participantes (...) (M.M., Diário de Campo, Relatório, 2016, p.03)

Assim, no cinema, na festa, no bar, em uma reunião pagã, em um fórum virtual, na academia de ginástica, no transporte escolar, no parquinho da escola de educação infantil... tantos lugares com tantas possibilidades resgatadas por olhares que narram uma pequena história sobre a vida. Exemplificam com suas escolhas que os processos sociais são imbuídos de práticas educativas, não apenas ontologicamente designado ao indivíduo para aprender e a ensinar, mas, além, nesse processo testemunhar a validade do que se tornou ou se pode realizar. E faz isso sobre o outro e as coisas, de modo a deixar registrado no mundo rastros de sua Obra.

A arte ou a obra de arte pode ser definida pela filosofia da arte a partir de teorias essencialistas, em especial, pela teoria da arte significativa, como aquela qualificada pelo seu apreciador e não pelo seu autor. Ao observar um objeto estético, portanto, não se restringirá a defini-lo por ser belo ou de bom gosto, mas pela experiência emocional nele evocado quando sobre a arte apreciada.

Muito bem, metaforizam-se as práticas educativas como obras de artes sob o viés essencialista apresentado, porque seus objetos e experiências estéticas figuram como os indivíduos criam mecanismos de poder e os exercitam sobre os outros ou simplesmente se debruçam sobre o ensinar e o aprender entre eles. Esse processo possui um resultado estético, que não é classificativo em termos da definição o que é uma arte ou obra de arte, mas valorativo sobre uma definição implícita acerca de que todo indivíduo produz algo a exprimir seus pensamentos e emoções que será objeto de apreciação do feito do outro.

(...) Nesse relatório irei expor alguns momentos simples da vida familiar onde pude notar a presença constante de processos educativos, momentos que não seriam



notados se não fossem os registros dos diários de campo (...). Eu permaneci sempre de olho nas crianças, algumas vezes observando mais de longe, em outros momentos participando dos jogos e conversas, e também em algumas ocasiões dando um “empurrãozinho” para a brincadeira fluir. Um dos meus principais objetivos era absorver tudo o que aquelas pequenas mentes extremamente inteligentes podiam me passar (...). Passamos tanto tempo querendo ensinar / mandar nelas que deixamos passar despercebido tudo o que elas podem nos ensinar (...). (M.O., Relatório, 29016, p. 01)

Parte-se, portanto, do apreciador como quem define a obra como arte. Quando estudantes escolhem seus planos de apreciações, tracejam um recorte sobre determinado processo social, tentam descrever as ações humanas ali impressas quase como uma imagem fotográfica. Paralisam um instante para interpretá-lo. Suas interpretações não escapam das emoções ou das intenções que suscitaram o próprio recorte. Afinal, ao nos inserirmos e agirmos em determinadas práticas sociais estamos indubitavelmente produzindo conhecimentos.

A exemplo das observações de uma aluna de pedagogia sobre as práticas educativas que poderiam ocorrer em um Museu ressaltou-se que “não há diferenças entre o processo de aprendizagem que ocorre na escola ou fora dela (...) o que difere é o conhecimento a ser aprendido e os procedimentos de aprendizagem utilizados em cada ambiente (...)” (M.Z., Diário de Campo, 4ª. Inserção, 2016, p. 03)

Assim, concorda-se com Paulo Freire (1993) que “Educação permanente e as cidades educativas” quando os espaços sociais (públicos ou privados) são solos para múltiplas práticas sociais dotadas de diferentes processos educativos como engrenagens a exercerem planos de subjetivações marcadas histórica e socialmente em um quadro inter e intra pessoal. Que estímulos humanos sobre a cidade, com suas instituições e nas suas tarefas educativas, impliquem em posições políticas distintas, porém convivas ao direito de ser diferente sem ser discriminado.

(...) para mim ficou aquela sensação gostosa de liberdade, onde você sai de sua zona de conforto, naquele momento mais propriamente, você sai de seu círculo de amigos e convivência e experimenta o diferente, atividades diferentes que permitem que você conheça e aprenda (...) (M.R., Relatório, 2016, p. 09).

Portanto, compreende-se que as práticas sociais se constituem em relações estabelecidas entre indivíduos e sob o contexto geográfico e sociológico da comunidade onde



eles estão inseridos. As práticas sociais promovem a formação para a vida em sociedade e assumem o agenciamento das transformações psicossociais, por meio de processos educativos, a fim de que se ensine a viver e a controlar esse viver, seja do ponto de vista material quanto simbólico (OLIVEIRA et al, 2009).

Foi assim que uma das alunas se perguntou como ocorre a socialização de crianças com deficiência física com outras não-deficiente durante um período de recreação. Como resposta ao seu recorte de estudo disse que independente dos mecanismos psicossociais estabelecidos, todos se moldam com as interações em um processo ininterrupto de aprender-ensinar:

(...) Através das observações foi possível constatar que a socialização da criança com deficiência depende de fatores como: a personalidade da criança, as outras crianças serem receptivas para brincadeira e a mediação do adulto (...). Acredito que estão se formando, apropriando-se do que lhes oferecem e dando suas próprias características, moldando-as. E também formando o outro, seja este adulto ou criança, dando um pouco de si e fazendo com que este tenha uma nova visão de mundo (...). (C.S.S., Relatório, 2016, p. 09)

Seguindo o roteiro de estudos proposto pela disciplina ministrada pode-se compor uma leitura ancorada em um arcabouço teórico e metodológico que privilegia as múltiplas possibilidades de interações sociais a favor de algo denominado crescimento interno ou aquilo que nos corporifica dia a dia a fim de determinar o próprio inacabamento humano. E como rascunho desse processo está a observação atenta e seletiva pronta para fazer o contorno daqueles instantes em uma folha de papel: descrever para compreender, ao final, que, práticas educativas emergem de processos sociais distintos.

Afinal, o diário de campo serve como “um instrumento de reflexão” (FALKEMBACH, 1987) sobre a “memória” do vivido pelo pesquisador (BOSI, 2003). É um caderno de anotações em que se registram as cenas observadas, de forma descritiva e precisa, para um exercício reflexivo acerca das situações vivenciadas pelo pesquisador.

Com Whitaker (2002), um aluno pode aprender que:

(...) o Diário de Campo é parte do esforço intelectual do pesquisador com o objetivo que criar uma descrição densa. E que não há uma fórmula para o uso do Diário de Campo, pois cada pesquisador faz os registros à sua maneira. Ele é utilizado para o exercício de reflexão e narração dos acontecimentos. Sua utilização sistemática





permite que as informações registradas possam ser cruzadas também com as informações objetivas das fichas de campo (...). (M.G.S., Relatório, 2016, p. 02).

Enquadramento metodológico que nem sempre conseguimos enxergar o recorte que o suscitou. Havia um jovem aluno de pedagogia que, como músico, não conseguia rastrear nos encontros com seus colegas de banda possíveis recortes de práticas educativas. Apenas em sua última inserção no campo de estudo, que era observar e registrar o vivido durante os ensaios do repertório punk-rock, que, finalmente, ele conseguiu notar como os processos educativos compunham a feitura de um fanzine pelo grupo e, tendo a música como um disparador desse processo.

(...) No presente dia, estamos novamente na casa de B. e as atividades musicais foram segundo plano, pois era dia de finalização das edições do fanzine que todas as pessoas que frequentavam o espaço de ensaio colaboram na produção (...). Ao longo desse tempo não tinha notado os processos educativos por trás dos fanzines, que como um livro pode apresentar novas perspectivas ao eventual leitor (...). Ter uma banda ou fazer músicas, não é só um evento à parte, mas sim um aprendizado, um ensinamento que de geração a geração é passado nos versos e acompanhado de melodias minimalistas (...). (G.S., Diário de Campo, 5ª. Inserção, 2016, p.10-11).

Para notar deve-se levar em conta as “Considerações em torno do ato de estudar”, de Paulo Freire (1981), que prescreve a capacidade para absorver e aprender sobre o texto narrado mediante um exercício da curiosidade e da criticidade, com dedicação e paciência ao se postular uma relação dialógica com o narrador, ou, exercer a alteridade de estar em campo durante a observação para captar as ranhuras do vivido que está moldado por significados a serem interpretados.

(...) a pesquisa incluindo os acontecimentos, discussões, conversas, percursos exigem do pesquisador esforço intelectual para discernir e escrever a observação (...) conclui como o diário de campo pode propiciar realizar em profundidade (para um investigador e os sujeitos da pesquisa) a dialética do encontro de subjetividade (...) (D.W., Relatório, 2016, p. 01)

Aproximar-se e enlaçar-se afetiva e objetivamente com os outros, sempre com respeito e responsabilidade sobre seus atos. Assim, ambos passarão por processos de aprendizagens e transformações armados pelo próprio encontro. A observação e narração



desses processos são importantes exercícios de escuta e metacognição sobre a experiência, que devem amarrar-se ao recorte de pesquisa e da fundamentação teórica ali representada.

A exemplo do relatório de outra aluna que escolhe observar sua própria casa e as relações que ali se estabelecem em torno do ato de morar em “república”.

(...) Pude vislumbrar, ao estudar os cinco diários de campo produzidos por mim, três processos educativos diferenciados. O primeiro, em relação aos conflitos de comportamentos; o segundo, em relação aos ideais, ao quais fazem parte da formação subjetiva pessoal e, por último, como em cada prática social vivenciada e, por isso, em cada processo educativo, foi reverberado em reflexões do meu próprio eu (...). Nesse sentido, passei a ver como vantagem as diferenças entre as meninas na república, pois passei a ver como, apesar de em alguns momentos ser difícil conciliar, mas como na maior parte do tempo essa diversidade só colaborava na riqueza de idéias e saberes que compartilhamos entre nós (...). (L.R., Relatório, 2016, p. 06)

Logo, viver implica em conviver. Descobrir no coletivo o quanto somos indivíduos e semelhantes, mas também dotados de diferenças. E que o plano individual não escapa das disputas, pela busca por soluções sempre em guerra ou na paz que envolvem posicionamentos e lutas imanentes ao jogo de saber-poder. De qualquer modo, terminamos por nos modelarmos psicossocialmente como um projeto inacabado constante do humano, mediado pelas educações de terrenos distintos.

### **Alguns comentários sobre tornar-se educador**

Quanto à experiência provocada nos alunos pela disciplina pode-se notar o rompimento com a idéia cristalizada de que educação e atos pedagógicos acontecem apenas na escola. Parece interessante supor que alunos de pedagogia fomentam tal crença para a manutenção da razão de ser-estar professores diante do mundo. No entanto, denotam que a capacidade para aprender e ensinar é maior que a escola, é do tamanho do encontro que as pessoas forjam entre elas e delas com a cidade.

(...) As contribuições da experiência investigativa para a formação e atuação de pedagogos é a abertura de novas perspectivas sobre meios de processos educativos. O meio escolar é muito importante para a formação das pessoas como seres humanizados, mas só isso não dá conta da pluralidade e das inúmeras relações que



estamos inseridos. Nessas relações é que as pessoas irão de fato formar suas convicções, já que é recorrente e permeiam todos os âmbitos (...). (G.F.S. Relatório, 2016, p. 06)

Puderam entender que para além das questões curriculares e do ensino formal e científico há relações que se estabelecem em um jogo de valores e sentimentos que ora reproduzem ora criam sobre a cultura, os padrões e ritos fundados na sociedade. Mas seja na escola ou fora dela é permanente o ato educativo. E, tornar-se protagonista de sua própria história em alguns momentos é uma boa finalidade do se deixar conduzir por alguém em alguns instantes.

(...) A escolha do gênero drama com foco em fatos reais tem o efeito de fazer com que o telespectador se envolva com a história e queira saber mais sobre dados e curiosidades, esse tipo de dramaturgia pode ser considerada uma prática educativa indiretamente, onde é passado da tela para quem assiste algum tipo de lição de vida. O fato pelo qual foi escolhido esse tipo de filme seria a oportunidade de aprender e conhecer cultura e histórias novas e também poder sentir sensações novas e tentar mudar pensamentos e maus hábitos (...). (A.L., Relatório, 2016, p. 03).

Ademais, como diria Paulo Freire (1993, p. 20): “a educação como prática permanente” o é assim por causa da finitude e consciência dela. Pois, as práticas educativas fazem parte de um processo de humanização interminável do indivíduo, porém com rastros de sua continuidade histórica e social.

## REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. Sugestões para um jovem pesquisador. In: \_\_\_\_\_. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê, 2003. p. 59-67

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação?** Coleção Primeiros Passos. Editora Brasiliense, 2006.

FALKEMBACH, Elza Maria Fonseca. **Diário de campo: um instrumento de reflexão**. Contexto e Educação: Universidade de Ijuí, ano 2, vol. 7, jul/set 1987, p.19-24.



FOUCAULT, F. **Nascimento da Biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREIRE, Paulo. Considerações em torno do ato de estudar. In: -----, **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. p. 9-12.

\_\_\_\_\_. Educação Permanente e as Cidades Educativas In: \_\_\_\_\_. **Política e Educação**. São Paulo: Cortez Editora, 1993. p. 16-24.

\_\_\_\_\_. Ninguém nasce feito: é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos. In: \_\_\_\_\_. **Política e Educação**. São Paulo: Cortez Editora, 1993. p. 79-88.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

LEVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. 6ª. Edição. Editora Vozes, 2010

LOURAU, Rene. **Análise Institucional**. Editora Vozes, 1975

OLIVEIRA, Maria Waldenez et al. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: OLIVEIRA, Maria Waldenez; Sousa, Fabiana R. de. **Processos educativos em práticas sociais: pesquisas em educação**. São Carlos: EdUFSCar, 2014. p. 29-46.

WHITAKER, D. C. A.. O diário de campo e a Memória do Pesquisador, In **Sociologia Rural: questões metodológicas emergentes**, Presidente Venceslau, Letras à Margem, 2002.